



Conversa global da Kettering sobre a democracia

Solidariedade além das fronteiras

21 de julho de 2025





Conversa global da Kettering sobre a democracia: Solidariedade além das fronteiras

Hamilton Hotel, Washington, DC

21 de julho de 2025

Autor: Jasmine White, Grupo de consultoria She Grows It

© 2025 by the Charles F. Kettering Foundation

A **Fundação Charles F. Kettering** trabalha para inspirar e conectar pessoas e organizações para promover democracias inclusivas e prósperas em todo o mundo. Acreditamos que todas as pessoas têm seu lugar e têm o direito de se engajar e moldar a democracia adequada para elas.

Em uma época em que a democracia está se desgastando em todo o mundo, o desejo das pessoas por direitos políticos e liberdades civis permanece. A democracia precisa de pessoas que trabalham juntas para defendê-la. A área de foco **Democracia em todo o mundo** da Fundação Kettering trabalha com parceiros estratégicos em todo o mundo para proteger seus direitos, empoderar comunidades, dar voz a pessoas marginalizadas e combater a influência de regimes autoritários.

Os pontos de vista e as opiniões expressos pelos contribuidores em nossas comunicações são feitas de forma independente da filiação da Fundação Charles F. Kettering Foundation e a fundação não garante a precisão, a autenticidade ou a integralidade. Estas declarações não refletem as opiniões e os pontos de vista da fundação, que, por meio deste, se isenta de responsabilidade perante qualquer parte por danos diretos, indiretos, implícitos, punitivos, especiais, incidentais ou outros danos consequentes que possam surgir em conexão com declarações feitas por um colaborador durante sua associação com a fundação ou de forma independente.

ÍNDICE

Palestrantes convidados	2
Introdução	3
Declarações iniciais	5
Palestra: Reconquistando o imaginário democrático	7
Painel de discussão: Democracia vs. Autocracia	10
Painel de discussão: Organização além das fronteiras	15
Painel de discussão: Criação da democracia inclusiva	19
Declarações de encerramento	25



PALESTRANTES **CONVIDADOS**

Paloma Dallas, Diretora sênior de programa da KF, Democracia em todo o mundo

Sharon L. Davies, CEO e Presidente da KF

Elyssa Feder, Diretora Executiva, Rising Organizers

María Teresa Kumar, Presidente e membro sênior da KF, Voto Latino e Fundação Voto Latino

Steven Levitsky, Membro sênior da KF e David Rockefeller Professor de Estudos latinos americanos da Universidade de Harvard

Alexandria J. Maloney, Diretora KF de Negócios externos

Koketso Moeti, Membro global da KF, Ativista civil e Fundadora da amandla.mobi

Chris Muriithi, Membro global da KF, Ativista LGBTQIAP+ e Pessoa Fundadora da Bold Network Africa

Flávia Pellegrino, Membro global da KF e Diretora executiva do Pacto pela Democracia

Brad Rourke, Diretor executivo de Negócios externos da KF e Diretor de Operações em DC

Gábor Scheiring, Membro global da KF, Acadêmico e Autor de *The Retreat of Liberal Democracy*

Maria J. Stephan, Colíder e Organizadora-Chefe do The Horizons Project

Ivan Vejvoda, Membro Global da KF, Membro Permanente e Chefe de projetos futuros na Europa



INTRODUÇÃO

A Fundação Charles F. Kettering organiza a Conversa global da Kettering sobre a democracia: Solidariedade além das fronteiras em 21 de julho de 2025, reunindo profissionais, acadêmicos e ativistas da democracia para examinar as ameaças contemporâneas à governança democrática e desenvolver respostas estratégicas por meio da colaboração entre fronteiras. Com participantes do Brasil, Hungria, Quênia, Sérvia, África do Sul e Estados Unidos, o encontro abordou a necessidade urgente de uma resistência coordenada ao retrocesso democrático global, ao mesmo tempo em que se constroem democracias mais inclusivas.

Visão geral do evento

A reunião explorou três dimensões críticas: entendimento e resistência ao autoritarismo crescente, organização entre fronteiras para desenvolver coalizões democráticas e desenvolvimento de democracias inclusivas. O palestrante principal, Ivan Vejvoda, apresentou uma perspectiva histórica sobre as transições democráticas, enfatizando que os desafios atuais representam uma transição da complacência democrática “pós-heroica” para um período “heroico” que exige sacrifício ativo. Os painéis de discussão examinaram estratégias práticas de resistência, modelos de colaboração internacional e estruturas democráticas inclusivas, demonstrando a natureza interconectada das lutas democráticas globais e identificando táticas concretas para uma resposta eficaz.

Principais temas

As ameaças autoritárias contemporâneas operam por meio de governos eleitos que mantêm uma fachada democrática enquanto capturam instituições, de forma sistemática, implementando políticas baseadas no medo e mantendo a cooperação comercial internacional. Um fator importante para o desgaste democrático é quando atividades de oposição legais se tornam custosas por meio de assédio e retaliação. A resistência bem-sucedida exige uma mobilização de massa sustentável (aproximadamente, 3,5% da população), falta de cooperação estratégica entre setores e pressão internacional para apoiar corporações e instituições.

A organização efetiva ressalta a ação coletiva em comparação com a coragem individual, criando espaços para colaboração entre ideologias e criando uma infraestrutura de resistência sustentável. A colaboração internacional tem sucesso por meio do aprendizado bidirecional, em vez da transferência unidirecional de conhecimentos especializados, enquanto a integração dos princípios organizacionais



do movimento nas instituições democráticas aborda as causas fundamentais da vulnerabilidade democrática.

A transformação demográfica faz com que a democracia inclusiva tenha uma importância estratégica e não seja apenas moralmente desejável. Narrativas históricas e autenticidade cultural podem contrapor efetivamente políticas de exclusão, enquanto os princípios de design universal demonstram que instituições inclusivas beneficiam todos os participantes. Uma resistência bem-sucedida requer colaboração entre setores, consciência histórica e rejeição de concessões de direitos estratégicos que enfraquecem as coalizões democráticas.

Recomendações críticas

As instituições democráticas devem desenvolver planos de organização concretos para crises, aumentar a tolerância a riscos e a velocidade da resposta, além de criar redes de aprendizado sistemático para corresponder à coordenação autoritária. A resistência da elite deve superar as tendências de acomodação por meio do reconhecimento de que a preservação da democracia requer o sacrifício ativo de privilégios. O sucesso de longo prazo demanda defesa simultânea contra ameaças imediatas e mudança institucional transformadora abordando a desigualdade econômica e a alienação política que criam condições para a suscetibilidade a apelos autoritários.

Desafios democráticos globais requerem respostas internacionais coordenadas que combinem mobilização doméstica com pressão econômica e política nos agentes facilitadores. Os movimentos democráticos devem desenvolver redes de compartilhamento de conhecimento, oferecer suporte à criação de coalizão entre fronteiras e reconhecer que a saúde democrática afeta a estabilidade global.

Os desafios democráticos atuais representam tanto ameaças sem precedentes e oportunidades históricas de renovação. O sucesso requer ação coletiva contínua, solidariedade internacional e comprometimento com a criação de instituições democráticas que atendem a todas as comunidades e defendem princípios contra ataques autoritários.



DECLARAÇÕES INICIAIS

Alexandria Maloney abriu a convenção estabelecendo a Conversa global da Kettering sobre a democracia como um esforço institucional prioritário. Suas declarações iniciais sinalizaram o compromisso organizacional substancial da Fundação Kettering em abordar os desafios democráticos globais e reunir diversas partes interessadas, tanto em formato físico quanto virtual.

Estrutura estratégica

Paloma Dallas estabeleceu a estrutura estratégica centralizando uma discussão sobre o tema “Solidariedade além das fronteiras”, que ela posicionou como descritiva e prescritiva. A composição internacional dos participantes, incluindo os Membros sênior da Kettering María Teresa Kumar e Steven Levitsky, juntamente com os Membros globais da Kettering em 2025 do Brasil, Hungria, Quênia, Sérvia e África do Sul, apresentou evidências concretas sobre essa abordagem entre fronteiras. Dallas enfatizou que essa representação internacional não era uma questão de acaso, mas uma declaração deliberada de intenções, argumentando que os desafios democráticos contemporâneos são padrões interconectados que exigem respostas internacionais coordenadas.

Dallas apresentou uma estrutura de diagnóstico que reconhecia a aceleração do retrocesso democrático em todo o mundo, identificando elementos táticos comuns: o silenciamento sistemático de discordâncias, a redução deliberada do espaço público e os esforços coordenados para isolar as pessoas que trabalham pela mudança democrática. No entanto, ela equilibrou essa avaliação sóbria com o reconhecimento de padrões emergentes de resistência, destacando movimentos que se recusam a capitular e coalizões que estão se formando em comunidades, países e continentes. Esse duplo reconhecimento da ameaça e da resistência estabeleceu a base analítica para a programação do dia.

Objetivos programáticos

Os quatro objetivos principais da convenção refletiam ambições tanto analíticas quanto práticas: destacar pontos em comum que conectam os desafios democráticos entre as regiões, facilitar o aprendizado mútuo em contextos diversos, catalisar relacionamentos entre profissionais da democracia e proporcionar coragem e solidariedade essenciais aos participantes envolvidos em trabalhos desafiadores. Dallas reconheceu a força formidável da atual onda autoritária global, mas expressou confiança de que a demanda popular pela democracia acabará se mostrando mais forte. Uma crença fundamentada em exemplos observáveis de organização e resistência que ocorrem globalmente.



A progressão estruturada do programa levou os participantes de uma análise ampla a estratégias práticas e, por fim, a uma visão construtiva, começando com uma palestra que apresentou uma perspectiva global, seguida por três painéis sequenciais que examinaram a resistência democrática, a formação de coalizões além das fronteiras e a construção de novos modelos democráticos centrados no pertencimento, na responsabilidade e na participação de todas as pessoas. Essa estrutura posicionou a reunião como diagnóstica e generativa, com o objetivo de fornecer aos participantes maior determinação e ferramentas práticas para a defesa e renovação democráticas.



PALESTRA: **RECONQUISTANDO O IMAGINÁRIO DEMOCRÁTICO**

Ivan Vejvoda abriu a discussão com observações que destacam sua jornada pessoal, fornecendo uma visão única para examinar os desafios democráticos contemporâneos. Nascido na Iugoslávia, ele presenciou a dissolução do que parecia ser uma estrutura política permanente em sete nações diferentes, seguida pela vida sob a ditadura de Slobodan Milošević, a participação em movimentos de resistência civil e, por fim, a luta bem-sucedida para restaurar um governo democrático na Sérvia.

A narrativa biográfica de Vejvoda abrange vários momentos cruciais da história democrática moderna, desde a participação na revolta estudantil de Paris em 1968 até o testemunho da queda do totalitarismo comunista em 1989. Esta linha do tempo pessoal ilustra a observação da historiadora e filósofa Hannah Arendt sobre “esperar o inesperado”, onde sistemas políticos que parecem indestrutíveis podem se dissolver da noite para o dia. Isso também demonstra que o engajamento civil contínuo pode desafiar com sucesso até mesmo os regimes autoritários mais consolidados.

A crise democrática global atual

Vejvoda apresenta os desafios contemporâneos em padrões históricos mais amplos de altos e baixos da democracia, argumentando que, atualmente, estamos vivendo o que Arendt chamou de “tempos sombrios”. A invasão russa na Ucrânia se tornou a crise geopolítica determinante da nossa era, representando não apenas um conflito regional, mas um desafio fundamental à ordem democrática após a Segunda Guerra Mundial. Esta invasão é um teste monumental para saber se as nações democráticas apoiarão efetivamente os países que defendem sua soberania contra agressões autoritárias.

A palestra enfatizou que o desgaste democrático está ocorrendo globalmente, exigindo que os cidadãos aprendam novamente o “aprendizado da liberdade” que Alexis de Tocqueville identificou como essencial para a vida democrática. Vejvoda argumenta que muitas pessoas em democracias estabelecidas começaram a tratar seus direitos e liberdades como “o ar que respiramos”, que só são valorizados quando são ameaçados. Essa complacência criou condições nas quais movimentos autoritários podem explorar a suposição dos cidadãos de que as instituições democráticas persistirão naturalmente sem uma manutenção ativa.

Estrutura filosófica para engajamento democrático

Com base na teoria política clássica, Vejvoda apresenta a democracia não como um sistema estático, mas como uma prática contínua que requer o envolvimento constante das pessoas. Os conceitos *vivere civile* (vida civil) e *vivere libero* (vida livre) de



Maquiavel fornecem a base para entender a democracia como um projeto aspiracional, em vez de um estado alcançado. A tensão entre *fortuna* (forças externas) e *virtù* (a capacidade de uma ação com propósito) é central para a sobrevivência da democracia. Embora os cidadãos não possam controlar todas as circunstâncias, eles podem enfrentar os desafios de forma eficaz.

As observações fazem uma clara distinção entre governança e democracia, argumentando que a administração tecnocrata não pode substituir a soberania popular genuína. A ênfase de Vejvoda nos momentos de união do povo (períodos históricos em que os cidadãos afirmam ativamente sua autoridade soberana) fornece uma estrutura para compreender tanto o movimento democrático sérvio quanto a resistência ucraniana como expressões do princípio democrático, e não de preferências políticas.

Sérvia, um exemplo contemporâneo

Com base na sua narrativa, Vejvoda apresentou o movimento democrático em curso na Sérvia como um exemplo de democracia direta em ação, comparando o engajamento cívico sérvio atual a momentos históricos transformadores, como a Revolução Francesa e a Comuna de Paris. O caso da Sérvia demonstra que mesmo países que recebem atenção internacional limitada podem servir como laboratórios para a inovação democrática, proporcionando lições práticas sobre os mecanismos do engajamento civil, a disciplina não violenta e a mobilização popular contínua.

Solidariedade global e a Ucrânia

Exemplos históricos de solidariedade internacional são a base dos argumentos de Vejvoda sobre a responsabilidade contemporânea. A invocação do apoio de Lafayette e Thomas Paine à Revolução Americana, juntamente com a participação de seu pai na resistência antifascista em três países diferentes durante as décadas de 1930 e 1940, estabelece um precedente para os cidadãos que apoiam lutas democráticas além de suas fronteiras. A obra *Direitos do Homem*, de Paine, recebeu destaque especial por articular o direito fundamental de resistir à autoridade ditatorial.

Vejvoda defende que as lutas democráticas devem ser entendidas como inerentemente interligadas, ultrapassando fronteiras geográficas e culturais, ligando a África do Sul ao Quênia, à Sérvia, à Índia, à Somália, ao Sudão, ao Oriente Médio e à Ucrânia. Essa interligação significa que o sucesso de um regime autoritário em uma região fortalece movimentos similares em outros lugares, enquanto as vitórias democráticas fornecem inspiração e lições práticas para movimentos de resistência.



Por fim, ele encerrou destacando os esforços de resistência da Ucrânia. Ele desafiou as pessoas que pedem negociações de paz rápidas perguntando se elas aceitariam que suas casas fossem invadidas. A caracterização da resistência ucraniana como um combate “Battle royal” que definirá os futuros acordos de segurança eleva a importância do conflito para além das preocupações regionais, tornando o apoio contínuo à Ucrânia não apenas um imperativo moral, mas uma necessidade estratégica para a segurança democrática global. Vejvoda concluiu fazendo um apelo às sociedades democráticas para que elas reconheçam este momento como uma encruzilhada crítica que exige uma escolha ativa, e não uma observação passiva, enfatizando que os desafios atuais representam uma oportunidade para os cidadãos redescobrirem sua capacidade de agir na construção de um futuro democrático.

PAINEL DE DISCUSSÃO: **DEMOCRACIA VS. AUTOCRACIA**

Maria J. Stephan moderou um painel com Steven Levitsky e Gábor Scheiring que analisou o autoritarismo contemporâneo e as estratégias de resistência. A discussão se concentrou no autoritarismo competitivo, uma forma de governo que mantém uma fachada democrática ao mesmo tempo que sabota sistematicamente a concorrência democrática.

O Guia autoritário moderno

Levitsky apresentou uma estrutura para compreender o autoritarismo do século XXI, que difere significativamente das tradicionais juntas militares ou regimes de partido único. Normalmente, os regimes autoritários contemporâneos são liderados por governos eleitos que preservam as formas constitucionais, ao mesmo tempo que manipulam sistematicamente as regras do jogo. Em vez de proibir a oposição ou suspender constituições, esses regimes fazem uma captura institucional estratégica, exonerando funcionários públicos profissionais e enchendo as instituições estatais com partidários leais que, então, usam as agências governamentais como arma contra rivais políticos.

Um principal indicador do autoritarismo competitivo é o custo de exercer o direito constitucional de oposição. Em democracias saudáveis, as atividades legais de oposição, como elaboração de artigos críticos, organização de protestos ou participação em eleições devem ter custos relativamente baixos. No autoritarismo competitivo, essas mesmas atividades expõem os cidadãos a investigações, auditorias, assédio e retaliação. Levitsky argumentou que, quando os cidadãos precisam “pensar duas vezes” antes de participar legalmente da política, eles não vivem mais em um sistema totalmente democrático, afirmando que os Estados Unidos já cruzaram essa linha e estão em um “autoritarismo competitivo moderado”.

O estudo de caso da Hungria

Scheiring forneceu insights detalhados sobre a transformação da Hungria sobre o regime de Viktor Orbán. Imediatamente após as eleições de 2010, Orbán implementou uma estratégia de choque: mudanças legislativas rápidas e simultâneas que tinham como objetivo paralisar a oposição. O modelo húngaro envolveu uma revisão constitucional sistemática, mudanças no sistema eleitoral que favoreciam o partido no poder e um controle abrangente da mídia causado por pressão regulatória deliberada e oligarcas leais que compraram veículos de comunicação em dificuldades. Então, ele comentou que, embora o governo Orbán tenha agido com grande rapidez, o segundo governo Trump foi ainda mais rápido.



Scheiring enfatizou que instituições independentes foram cooptadas por mudanças de pessoal, com partidários de Orbán ocupando os principais cargos do Ministério Público, agências reguladoras e órgãos de supervisão. Essa cooptação institucional abrangente significava que mesmo a corrupção óbvia não podia ser investigada ou processada de forma eficaz, criando um sistema de impunidade para os aliados do governo, ao mesmo tempo em que mantinha a aparência de um processo legal.

Além das mudanças institucionais, Scheiring destacou o “software do iliberalismo”: táticas culturais e psicológicas que dependem de políticas baseadas no medo, que incentivam as populações majoritárias a temer os imigrantes e as minorias. Essa abordagem explora as preocupações econômicas reais, ao mesmo tempo em que redireciona a raiva para bodes expiatórios, em vez de abordar as causas-raiz.

Além disso, ele citou como a cooperação empresarial internacional possibilitou a consolidação autoritária na Hungria. As empresas automotivas alemãs e outros investidores desempenharam um papel fundamental por meio de sua disposição em operar em ambientes de repressão trabalhista e sindicatos enfraquecidos, criando assim um ciclo vicioso em que políticas autoritárias eram recompensadas com o aumento do investimento estrangeiro.

Padrões globais e estratégias de resistência

Levitsky comparou a sistematização húngara com os padrões latino-americanos, observando que as variações regionais tendem a envolver uma cooptação institucional menos sistemática, mas uma maior dependência da corrupção e de incentivos financeiros diretos. Em países de renda média com instituições da sociedade civil mais fracas e maior vulnerabilidade econômica, os Estados podem recompensar mais facilmente a cooperação e punir a oposição por meio da aplicação seletiva de benefícios e multas.

Os panelistas enfatizaram que uma resistência bem-sucedida requer uma mobilização em massa contínua, envolvendo diversos setores por meio da não cooperação e da não conformidade, como greves de trabalhadores, boicotes de consumidores, recusa de professores em cumprir diretrizes autoritárias e manutenção de padrões éticos por parte de profissionais, apesar da pressão. Países com experiência autoritária recente, como Argentina, Brasil, Chile e Coreia do Sul, demonstram um reconhecimento mais rápido das ameaças, enquanto os Estados Unidos carecem de uma memória generalizada do autoritarismo, o que contribui para a crença de que “isso não acontece aqui”.



O movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos foi citado como um precedente doméstico relevante, representando uma resistência não violenta em massa bem-sucedida contra o governo autoritário em nível subnacional. O movimento demonstrou como a não cooperação pode desafiar eficazmente sistemas consolidados. A não cooperação por meio de protestos em lanchonetes, o boicote aos ônibus de Montgomery e as campanhas de desobediência civil geraram custos insustentáveis para a manutenção do controle autoritário.

Falta de resistência da elite

Apesar dos recursos sem precedentes da sociedade civil, centenas de bilionários, grandes corporações e universidades bem-financiadas, as elites dos EUA optaram, em grande parte, por se acomodar em vez de resistir. Levitsky observou que indivíduos extremamente ricos, como Jeff Bezos, e instituições como Harvard, têm capacidade de resistir, ao contrário das universidades públicas em países mais pobres. Ele atribui a relutância da elite ao fato de os indivíduos ricos se acostumarem aos privilégios e não querem perdê-los.

A discussão revelou uma aprendizagem assimétrica entre movimentos autoritários e democráticos, com líderes autoritários compartilhando sistematicamente táticas, enquanto movimentos democráticos se mostraram menos eficazes na construção de redes internacionais. Levitsky observou que deveria ser muito mais difícil alterar as regras do jogo nos EUA, dados os recursos do país, mas que, até agora, tem sido “surpreendentemente fácil para Trump”, sugerindo que a sociedade civil não tem atuado de forma suficiente.

Implicações estratégicas

As estratégias pró-democracia bem-sucedidas devem abordar simultaneamente as ameaças imediatas e as reformas institucionais de longo prazo. Levitsky observou que os defensores da democracia se tornaram “muito conservadores” ao querer preservar as instituições dos séculos XIX e XX, o que é “muito melhor do que onde estamos hoje, mas claramente não é suficiente”. A democracia deve ser fortalecida para lidar com a desigualdade econômica e a alienação política que criam terreno fértil para apelos autoritários, por meio de uma visão transformadora que responda às queixas legítimas, ao mesmo que mantém os princípios democráticos.



Sessão de perguntas e resposta

Então, a discussão dos painelistas foi aberta ao público, com perguntas focadas nos desafios práticos da implementação, no papel dos diferentes agentes nos esforços de resistência e nas lições aprendidas com movimentos democráticos bem-sucedidos em todo o mundo.

O que podemos aprender com a Hungria e outros países sobre como estimular a coragem no próprio partido autoritário para desafiar ou romper, dada a consolidação do controle do Partido Republicano por Trump?

Levitsky compartilhou a esperança de que Trump pudesse ser restringido se pelo menos uma parte dos republicanos estabelecesse limites, mas observou que o controle de Trump ocorreu muito rapidamente. A facção McCain que existia quando ele escreveu *Como as democracias morrem*, há sete anos, já não existe. Levitsky citou Richard Nixon como um exemplo histórico, mas enfatizou que os republicanos só agiram quando já era muito tarde. Ele concluiu que é particularmente difícil para os partidos restringirem os presidentes em exercício nas democracias presidenciais.

Scheiring reconheceu que isso seria ideal, mas improvável, observando que, quando um estilo político traz resultados eleitorais, há poucos incentivos para que os membros do partido se oponham a ele. Em vez de esperar que os republicanos controlem os líderes antiliberais, ele recomendou concentrar as energias democráticas em vencer as eleições contra essas forças, para que a política iliberal não seja recompensada eleitoralmente.

Por que as instituições com mais dinheiro e poder legal demonstram menos coragem, enquanto as pessoas comuns demonstram mais coragem? Como se pode desenvolver a solidariedade para apoiar a ação coletiva, especialmente em uma cultura individualista?

Levitsky expressou desapontamento pelo fato de que, apesar dos recursos institucionais sem precedentes dos Estados Unidos, cidadãos individuais tenham demonstrado mais coragem do que instituições poderosas. Ele observou que, com a riqueza de Jeff Bezos, deveria ser fácil ser corajoso, observando que é “muito difícil ser corajoso quando você pode perder aquele jato particular”. Ele destacou a fraqueza do movimento sindical dos EUA e a falta de organizações abrangentes para ações coletivas.

Scheiring argumentou que, historicamente, os maiores avanços da democracia vieram das massas que se organizaram contra a convivência entre as elites econômicas e políticas. A democracia nunca foi algo que as elites concederam ao



povo, mas sim algo exigido pelas pessoas que não tinham nada a perder. Ele concluiu que os maiores aliados das democracias são as massas organizadas que exigem dignidade e democracia inclusiva.

Stephan reforçou o ponto da mobilização em massa, citando pesquisas que mostram que nenhum regime permaneceu no poder quando 3,5% da população (aproximadamente 11 milhões de americanos) se engajou em protestos ativos. Ela enfatizou que uma resistência eficaz envolve a organização dentro de grupos religiosos, sindicatos e empresas para prepará-los para uma eventual não cooperação.

A pressão global resultou em movimentos antiautoritários eficazes? Quais fatores contribuem para o sucesso dos movimentos globais? Isso também é possível nos EUA?

Levitsky descreveu um período crítico (meados da década de 1980 ao início dos anos 2000) em que o Ocidente liberal era a potência global dominante, criando uma forte pressão externa pela democracia que coincidiu com a maior expansão da democracia na história. No entanto, com a ascensão da China e uma Rússia mais agressiva, o domínio liberal ocidental desapareceu e é improvável que volte.

Stephan citou casos de sucesso, incluindo a África do Sul, o Chile, o movimento Solidariedade polonês e a resposta da Coreia do Sul à lei marcial. Ela enfatizou que campanhas bem-sucedidas envolvem mobilização em massa usando diversas táticas que provocam mudanças de lealdade nos principais pilares que sustentam os regimes.

Considerando que as instituições democráticas dos EUA se tornaram “obsoletas”, quais práticas proativas de outros países poderiam ajudar os EUA a serem mais agressivos em reformas democráticas positivas?

Scheiring observou que as social-democracias nórdicas lidam melhor com os desafios autoritários devido à baixa desigualdade e à restrição das elites econômicas, levando as pessoas a confiar na democracia como um sistema que funciona para elas, em vez de um sistema sequestrado pelas elites.

Levitsky enfatizou o desafio de lidar com ameaças autoritárias imediatamente enquanto se constrói uma democracia mais legítima a longo prazo. Ele reconheceu que os defensores da democracia se tornaram muito conservadores ao simplesmente preservar as antigas instituições, enfatizando que claramente não é suficiente apenas restaurar a “democracia da era Obama”.



PAINEL DE DISCUSSÃO: **ORGANIZAÇÃO ALÉM DAS FRONTEIRAS**

Brad Rourke moderou um painel com Elyssa Feder e Flávia Pellegrino, examinando estratégias práticas para incentivar a ação democrática e a criação de coalizões efetivas entre fronteiras. A discussão passou de como incentivar a coragem para como incentivar a ação, focando na organização concreta de abordagens e modelos de colaboração internacionais.

Criação da capacidade coletiva

Feder enfatiza que a organização efetiva começa ajudando as pessoas a entender que não estão sozinhas em dificuldades democráticas. Em vez de esperar coragem individual, a organização bem-sucedida cria ações coletivas por meio do entendimento compartilhado e suporte prático. Ela argumentou que a maioria das pessoas nos EUA compartilha valores comuns, ar puro, comunidades seguras, boas escolas, mas foi induzida a lutar entre si em vez de trabalhar em conjunto em prol de objetivos comuns.

O ponto principal de incentivar ações é fornecer suporte emocional e ferramentas práticas. Feder destacou que a organização rejeita explicitamente a mensagem autoritária de que “sua liberdade deve vir às custas da liberdade de outra pessoa”. Em vez disso, demonstra que liberdade coletiva precisa de esforço colaborativo. Essa abordagem se baseia nos instintos universais de busca da liberdade, observando que o autoritarismo “se esforça muito para se proteger, porque todos nós temos o instinto de ser livres”.

Criação de espaços seguros para colaboração

Pellegrino destacou a importância de criar espaços seguros e confiança como pré-requisitos fundamentais para a ação democrática. Utilizando sua experiência com o *Pacto pela Democracia* no Brasil, ela enfatizou que a democracia é “essencialmente, um esforço coletivo” que precisa de estruturas que permitem que diversos agentes deixem suas diferenças de lado e se concentrem em objetivos democráticos compartilhados.

Este modelo demonstra como coalizões com diversas ideologias podem combater efetivamente ameaças autoritárias fornecendo infraestrutura para colaboração sustentável. Pellegrino destacou que é necessária uma abordagem gradual para criar estas coalizões. A construção de relacionamentos ajuda a criar a confiança fundamental necessária para que os agentes assumam riscos, mantenham a solidariedade durante períodos desafiadores e realizem ações colaborativas mais complexas.



Criação de coalizão internacional

O painel revelou diversos modelos efetivos para a colaboração democrática internacional: coalizões eleitorais focadas em derrotar candidatos autoritários, alianças de partidos políticos para coordenação de campanhas e coalizões da sociedade civil para criação de uma infraestrutura democrática de longo prazo. A colaboração latino-americana fornece um exemplo concreto, com organizações do Pacto no Brasil compartilhando a experiência de criar uma coalizão com suas contrapartes na Argentina, Colômbia e Peru por sete anos. Esta colaboração se concentra em estratégias para criar parcerias com diversas ideologias e estruturas colaborativas sustentáveis.

Reforma e crítica institucional

Feder apresentou uma avaliação detalhada das instituições que defendem a democracia, observando desenvolvimentos positivos na colaboração intersectorial, ao mesmo tempo em que identificou a velocidade e a tolerância ao risco como principais pontos fracos. Embora as instituições demonstrem urgência em relação às ameaças democráticas, elas têm dificuldade em transformar essa urgência em ações rápidas. Ela argumentou que um trabalho democrático eficaz requer aceitar níveis mais elevados de risco, em vez de buscar investimentos perfeitamente estratégicos, criticando a cultura institucional por se concentrar excessivamente em abordagens conservadoras e bem financiadas, em vez de se envolver com a realidade de vida ou morte das ameaças democráticas.

Um tema central foi a necessidade de unir os setores tradicionalmente separados do movimento e da democracia. Feder argumentou que as instituições democráticas devem incorporar princípios de organização de movimentos para abordar uma das causas fundamentais da vulnerabilidade democrática: instituições que não têm respondido às necessidades reais das pessoas. Essa integração exige que as instituições democráticas adotem princípios organizacionais, enquanto as organizações dos movimentos reconhecem que seus objetivos específicos dependem da existência de instituições democráticas responsivas.

Implementação prática

Feder desafiou os agentes institucionais a desenvolver planos organizacionais concretos para possíveis crises democráticas, em vez de confiar apenas nas estratégias de comunicação. Ela enfatizou que as instituições devem estar preparadas



para se envolver diretamente com as comunidades e mobilizar ações públicas, pois uma resposta eficaz requer “mais do que um comunicado à imprensa”. Isso envolve compreender os princípios organizacionais, desenvolver relacionamentos com parceiros comunitários e desenvolver capacidade para mobilização rápida. Todos os agentes institucionais precisam se reconhecer como organizadores, em vez de ver a organização como responsabilidade de outra pessoa.

Sessão de perguntas e resposta

O foco do painel em estratégias de organização práticas e modelos de colaboração internacional fez com que o público fizesse perguntas sobre a implementação dessas abordagens em instituições existentes e a expansão bem-sucedida do aprendizado entre fronteiras. Então, a discussão abrangeu exemplos específicos de integração entre movimentos e democracia e instâncias concretas de compartilhamento de conhecimento transnacional.

Qual é a sua opinião sobre as capacidades organizacionais dos líderes eleitos mais jovens, considerando que poucos líderes atuais demonstram as habilidades organizacionais sofisticadas observadas na era dos direitos civis?

Feder reconheceu o profundo ceticismo dos jovens em relação às instituições, com base em suas experiências de repetidas falhas institucionais. Ela enfatizou a importância de levar essas preocupações a sério e que é necessário ajudá-los a acreditar nessas instituições para reformá-las ou criar alternativas. Feder observou que, recentemente, ela saiu de um treinamento em Georgetown mais esperançosa. Ela viu uma resposta positiva dos jovens quando eles sentem que são levados a sério e quando são fornecidas ferramentas práticas de organização. Ela enfatizou a importância de reconhecer honestamente que “talvez tudo tenha piorado”, ao mesmo tempo em que forneceu exemplos históricos e habilidades práticas para lidar com os problemas.

Pellegrino compartilhou a experiência do Brasil com movimentos de renovação política que elegeram com sucesso novos líderes mais jovens em 2018, mas não conseguiram mudar as práticas políticas subjacentes. Ela explicou que mudar o pessoal sem mudar as práticas se mostrou insuficiente, levando a um redirecionamento dos esforços para transformar a cultura política e ouvir ativamente os sentimentos antissistema dos jovens para compreender as raízes da desconfiança política.

Você pode fornecer exemplos concretos de progresso na integração de espaços de movimento e democracia, e exemplos de aprendizagem específica entre fronteiras que mudaram estratégias de organização?



Feder reconheceu que organizações como a Kettering contribuíram para reunir diferentes setores para uma colaboração mais profunda. Ela observou que, cada vez mais, os movimentos estão reconhecendo que não podem vencer em questões específicas, como clima ou imigração, sem instituições democráticas responsivas, enquanto as organizações democráticas estão compreendendo que precisam das habilidades de organização dos movimentos. Ela observou que houve conversas significativas entre esses setores desde que ela entrou na área, em 2022.

Pellegrino forneceu um exemplo detalhado de aprendizagem bidirecional entre a sociedade civil brasileira e estadunidense sobre a integridade eleitoral. Depois de ler sobre os esforços de proteção eleitoral nos Estados Unidos em 2020, ela entrou em contato com todas as pessoas mencionadas no artigo para conhecer suas estratégias e, em seguida, adaptou essas abordagens para a defesa eleitoral bem-sucedida do Brasil em 2022. Em 2023, organizações estadunidenses procuraram aprender com a experiência do Brasil após a tentativa de golpe de 8 de janeiro, criando uma colaboração recíproca contínua que, desde então, se expandiu para incluir outros países que enfrentam desafios autoritários semelhantes.



PAINEL DE DISCUSSÃO: CRIAÇÃO DA DEMOCRACIA INCLUSIVA

Paloma Dallas moderou um painel progressista com María Teresa Kumar, Koketso Moeti e Chris Muriithi (pessoa não-binária). A discussão analisou estratégias para criar uma democracia que abraça as diferenças e não apenas as tolera. Também foi explorado como combater as reações globais contra a inclusão, fortalecendo as instituições democráticas por meio da diversidade.

Contação de histórias como forma de resistência

Muriithi enfatizou o papel fundamental das narrativas na criação da democracia africana, baseando-se em tradições em que a contação de histórias servia como mecanismo pelo qual as comunidades aprendiam e imaginavam seus futuros. A Bold Network Africa, organização de Muriithi, aproveita essa tradição para combater narrativas políticas prejudiciais, particularmente a afirmação de que “ser queer não é africano”. Ao voltar à história pré-colonial, a organização desafia a retórica autoritária que enquadra a identidade LGBTQIAP+ como uma influência estrangeira.

Essa estratégia narrativa vai além da correção histórica e se estende à organização contemporânea. A Bold Network Africa é uma organização com 10 mil membros em todo o Quênia que usa narrativas pessoais para afirmar sua presença e pertencimento: “Nós existimos. Esta é a minha história. E eu vou continuar aqui.” Essa abordagem demonstra como as narrativas históricas podem servir como ferramentas poderosas para resistir às tentativas autoritárias de deslegitimar comunidades marginalizadas por meio de alegações falsas sobre autenticidade cultural.

O poder da narrativa em uma democracia inclusiva

Kumar identificou a ausência de narrativas convincentes sobre a realidade multicultural dos EUA como uma causa fundamental dos desafios democráticos atuais. Ela observou que os hispano-americanos nascidos nos Estados Unidos têm sido o grupo demográfico que mais cresce e representam um fator-chave para o crescimento contínuo da população dos EUA nas últimas duas décadas. No entanto, a falta de liderança para articular essa realidade multicultural, combinada com a enorme desigualdade econômica, criou condições nas quais demagogos puderam culpar os recém-chegados pelos problemas sistêmicos.

Kumar apresentou dados demográficos impressionantes que mostram a transformação geracional dos Estados Unidos. A idade média dos estadunidenses brancos é de 58 anos, dos afro-americanos é de 32-33 anos e dos latinos é de 15 anos. Sua filha representa a Geração Alfa, um grupo majoritariamente minoritário de jovens biculturais



que definirão o futuro do país, mas que, atualmente, carecem de representatividade em cargos de liderança. Apesar da promessa dessa mudança demográfica, ela observou que esses jovens americanos enfrentam uma imediata exclusão “no momento em que passam pela porta”.

Além disso, Kumar apontou as eleições de meio de mandato de 2018 como prova do poder da democracia multicultural, quando os americanos elegeram o Congresso mais diversificado da história do país, com uma representação sem precedentes de mulheres, povos originários, pessoas LGBTQIAP+, jovens e veteranos. Ela observou que esse órgão “pela primeira vez se parecia mais com a população dos Estados Unidos”. Este Congresso produziu 300 leis relacionadas à imigração, direitos LGBTQIAP+, salários justos e liberdade reprodutiva. A lição foi clara: Quando a democracia reflete a diversidade real presente nos Estados Unidos, ela produz resultados que atendem a toda a gama de experiências e necessidades do país.

Desigualdade e divisão fabricada

Moeti identificou a desigualdade como a ameaça mais significativa à inclusão na África do Sul. Ela descreveu como grupos de justiceiros atacam imigrantes em instalações de saúde pública e as pessoas que detêm o poder incentivam brigas entre comunidades marginalizadas, em vez de exigir serviços melhores. Ela deu um exemplo concreto da Operação Dudula, um grupo vigilante xenófobo que planejava marchar contra organizações que apoiavam imigrantes, argumentando que eles estavam “roubando recursos” dos sul-africanos. A resposta a essa ameaça demonstrou o poder da criação de coalizões inclusivas, à medida que organizações progressistas, incluindo Abahlali baseMjondolo, a African Reclaimers Organisation e organizações de comerciantes ambulantes, se uniram, superando barreiras raciais e de classe, para defender as instituições visadas. Essa resposta unificada atrapalhou a estratégia do grupo de ódio, e eles desistiram dos protestos que tinham planejado.

Moeti enfatizou que, apesar dos esforços “das elites, das corporações poderosas e dos provocadores cheios de ódio” para promover o desespero, ainda é possível uma mudança transformadora. Com base em sua experiência como testemunha do nascimento da democracia na África do Sul em 1994, ela descreveu a revolta de Bophuthatswana, quando professores, comerciantes ambulantes e cidadãos comuns se recusaram a cooperar com as tentativas de impedir a votação na primeira eleição democrática. A resistência provou ser tão eficaz que até mesmo o exército do governo se voltou contra o presidente e se juntou ao povo. Esse sucesso foi resultado da combinação da resistência interna com a pressão internacional contínua, incluindo



a campanha de boicote de 35 anos contra produtos sul-africanos. Ela enfatizou que esses exemplos existem em todo o mundo, da Guatemala à Coreia do Sul e ao Quênia, demonstrando que “um mundo diferente é possível e que, juntos, podemos imaginá-lo e construí-lo”.

Mobilização dos jovens e unidade entre setores

Muriithi começou comentando: “Que época fantástica para ser do Quênia!” Muriithi descreveu o movimento transformador da Geração Z do Quênia, que surgiu em resposta às propostas de aumento de impostos em junho de 2024. Os jovens quenianos, inicialmente desinteressados pela política, mobilizaram-se em torno do slogan “Nós, o povo” para se oporem a um projeto de lei financeira que aumentaria os impostos e revogaria políticas de benefícios. O poder do movimento vinha de sua natureza inclusiva: Pela primeira vez, quenianos da comunidade LGBTQIAP+ marcharam ao lado de outros cidadãos sem sofrerem discriminação, carregando bandeiras do Quênia e do orgulho enquanto marchavam em direção ao Parlamento.

A consciência histórica do movimento revelou-se crucial para o seu sucesso. Jovens manifestantes gravaram vídeos reconhecendo que poderiam morrer, mas aceitando esse risco porque “nossos antepassados, os Mau Mau, os veteranos que lutaram contra o colonialismo, fizeram isso”. Essa conexão com a história da libertação possibilitou uma mobilização contínua que foi além do protesto inicial. O movimento estabeleceu uma tradição anual de voltar às ruas para homenagear os mortos e manter a pressão por mudanças sistêmicas.

Desafios e oportunidades nos EUA

Kumar abordou os desafios específicos enfrentados pelas comunidades latinas, observando que 17 milhões dos 65 milhões de latinos nos Estados Unidos vivem em famílias com status misto. Ela comparou a resposta imediata à proibição aos muçulmanos, quando as pessoas “saíram correndo de suas casas para o aeroporto local e disseram: Não enquanto estivermos aqui”, com o relativo silêncio em torno das operações do ICE (Serviço de Imigração e Controle de Alfândega) que visavam trabalhadores imigrantes e separavam famílias. No entanto, Kumar identificou padrões emergentes de solidariedade local, citando o diretor de uma escola primária no interior do estado de Nova York que mobilizou sua comunidade quando o ICE deteve injustamente a família de um de seus estudantes. Isso resultou no retorno da família e demonstrou que “quando fazemos barulho, quando demonstramos nossa humanidade e nossa dignidade e que nos importamos, esse é o nosso valor coletivo americano”.



Ela desafiou ainda mais as percepções comuns sobre o engajamento político dos jovens, destacando sua participação consistente em marchas de várias causas nos últimos 20 anos, apesar de enfrentarem instabilidade e desigualdade sem precedentes. Ela descreveu uma colaboração intergeracional bem-sucedida durante a pandemia, quando a Voto Latino organizou chamadas pelo Zoom que conectaram de 2.000 a 3.000 participantes, incluindo jovens latinos e idosos brancos trabalhando juntos no engajamento dos eleitores. Essas sessões criaram momentos poderosos de reconhecimento, com jovens latinos expressando surpresa pelo fato de outras pessoas se importarem com sua participação. Isso sugere possibilidades para a formação de coalizões mais amplas, abrangendo diferentes grupos demográficos.

Sessão de perguntas e resposta

A análise do painel sobre estratégias de democracia inclusiva e princípios de design universal suscitou perguntas da audiência sobre como lidar com desafios práticos na formação de coalizões, incluindo o papel complexo das comunidades religiosas, o impacto da tecnologia na organização e as implicações estratégicas de concessões baseadas em direitos. A discussão foi ampliada para analisar como essas estruturas se aplicam em contextos institucionais e jurídicos específicos.

Como você lida com o papel duplo da fé, tanto como uma grande força nas lutas pela liberdade quanto como arma que promove a exclusão e o autoritarismo, especialmente considerando a influência do nacionalismo cristão branco no movimento MAGA?

Kumar enfatizou que o maior grupo dos EUA que apoia refugiados é o dos cristãos brancos, sugerindo oportunidades de aproximação em torno de valores compartilhados. Ela argumentou que os movimentos progressistas não perceberam o papel fundamental da fé na formação de coalizões, observando que os evangélicos de extrema direita “sequestraram o cristianismo” para se concentrar na riqueza material, em vez do amor e do cuidado. Kumar também enfatizou a importância tanto das comunidades religiosas quanto dos líderes empresariais para uma democracia próspera, argumentando que mercados estáveis são essenciais para a estabilidade democrática.

Moeti contestou a afirmação de Kumar sobre mercados estáveis, argumentando que a lógica neoliberal e a acumulação excessiva de riqueza são as razões pelas quais a desigualdade atingiu os níveis atuais. Ela enfatizou que a paz sem justiça não pode funcionar e que as pessoas estão clamando por um futuro em que a humanidade possa prosperar coletivamente, e não em que apenas alguns possam acumular riquezas.



Muriithi explicou que, no contexto africano, o cristianismo foi introduzido pelo colonialismo para dividir as comunidades espirituais e deslegitimar as crenças dos povos originários. Muriithi ainda destacou que os grupos anti-direitos na África Oriental são fortemente financiados por cristãos brancos, mas os jovens quenianos estão retornando às suas raízes espirituais africanas e responsabilizando os líderes cristãos. Os protestos recentes incluem campanhas para “drenar o pântano”, que têm como alvo instituições que falharam durante crises. Esses esforços de responsabilização levaram alguns líderes cristãos a reconhecerem suas falhas, admitindo sua responsabilidade na luta democrática mais ampla.

Como você aborda o papel da tecnologia em possibilitar tanto a vigilância autocrática quanto a divisão algorítmica, ao mesmo tempo em que a utiliza para criar inclusão e mobilizar resistência?

Moeti respondeu que corporações muito ricas e autocratas em todo o mundo usam plataformas digitais para influenciar a opinião pública, mas argumentou que a tecnologia não é inerentemente boa nem ruim, é uma ferramenta cuja escala aumentou drasticamente. Apesar das tentativas de controlá-la, a esfera digital ampliou o espaço cívico. Ela foi subvertida com sucesso para a organização, ressaltando a necessidade de uma regulamentação que seja benéfica para a sociedade e não que visa apenas o lucro individual.

Muriithi descreveu o uso bem-sucedido das redes sociais pelo Quênia para coordenar protestos e mobilizações simultâneas em várias cidades. Quando o governo restringiu o acesso aos dados, os manifestantes se adaptaram usando VPNs, demonstrando resiliência tecnológica e os efeitos positivos das redes sociais para resistir ao regime autoritário.

Kumar reconheceu a crescente sofisticação da desinformação, mas sugeriu que essa crise poderia criar oportunidades para repensar as instituições do século XXI com a ajuda da tecnologia. Ela argumentou que a atual destruição institucional poderia permitir a reconstrução de sistemas que ajudam a democracia multicultural de forma mais eficaz.

Como você lida com a necessária redução de danos e concessões enquanto protege os direitos fundamentais, especialmente quando espaços com diversas questões pressionam os defensores LGBTQIAP+ a fazer concessões em relação aos direitos trans para formar coalizões?

Muriithi rejeitou veementemente uma concessão de direitos estratégicos, afirmando que considerar alguns direitos menos importantes do que outros “foi o que nos



colocou nesta situação”. Muriithi defendeu uma “democracia 2.0”, onde todos se sentam à mesa, observando que outros movimentos agora buscam o conselho de organizadores LGBTQIAP+ sobre resistência sustentável.

Moeti citou o incêndio da Torre Grenfell, em Londres, como um exemplo de como o design inclusivo salva vidas. A falta de recursos de acessibilidade do edifício resultou em um número desproporcional de mortes de pessoas com deficiência. Ela enfatizou que o design inclusivo beneficia a todos, observando que as rampas de acessibilidade ajudam tanto os usuários de cadeiras de rodas quanto pais com carrinhos de bebê. Ela concluiu com uma estrutura poderosa para a democracia inclusiva: “Quando somos inclusivos, todos ganham. Na verdade, não importa se você acha que está bem e não precisa disso agora, porque chegará um momento em que você precisará. E mesmo que você não precise, as pessoas que você ama precisarão. E você nunca prosperará em uma sociedade quando você é o único que bem e ninguém ao seu redor está.”



DECLARAÇÕES DE **ENCERRAMENTO**

Sharon L. Davies fez as considerações finais, enquadrando o período atual como “a luta mais importante de nossas vidas” pela preservação da democracia. Ela enfatizou que a ação coletiva é essencial para defender a governança democrática tanto nos Estados Unidos quanto em todo o mundo.

Davies classificou o momento atual como historicamente crítico, observando a natureza interconectada das lutas globais pela democracia, nas quais os acontecimentos nos Estados Unidos têm implicações mundiais. Ela expressou particular preocupação com a subestimação da seriedade das ameaças atuais e alertou contra o padrão observado em países onde ocorreu um retrocesso democrático. Os profissionais relatam consistentemente que a gravidade dessas ameaças foi reconhecida tarde demais para uma resposta eficaz.

Inspirando-se no comentário anterior de Chris Muriithi, “Que época incrível para ser queniano”, Davies refletiu “que época incrível para ser estadunidense”, empenhado em defender os sistemas de governança escolhidos. Ela enfatizou que, embora os riscos para a democracia “não poderiam ser maiores”, a determinação e a resistência em resposta às ameaças autocráticas devem corresponder a essa urgência por meio de esforços coordenados, e não individuais.

Call to Action

Davies concluiu reforçando o compromisso da Fundação Kettering em continuar facilitando reuniões públicas e privadas e convidando diretamente os participantes a se unirem a esforços colaborativos sustentáveis. Ela enfatizou que a preservação democrática eficaz requer apoio institucional contínuo, em vez de um envolvimento esporádico. Sua declaração final foi um apelo para que todos nós sejamos “estadunidenses orgulhosos, orgulhosos de nossa democracia e determinados a mantê-la”.



www.kettering.com

